

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Y111.3

Data: 02.01.88

Pg.: _____

Alemão cruza o Atlântico de catamarã

São Luís — Fotos de Chiquito Chaves

Jornalista que era dado como perdido chega a São Luís

Teresa Cardoso

SÃO LUÍS — Depois de passar 74 dias em alto-mar, pedalando uma catamarã e ser dado como desaparecido pela família, em Hamburgo, o jornalista alemão Rudiger Nehberg, 52 anos, repórter da revista *Bunte*, chegou há três dias à Baía de São José de Ribamar, no Maranhão. Sujo, com fome e assustado, o navegador pediu socorro a pescadores que voltavam do trabalho e foi levado para a Capitania dos Portos.

Seu primeiro pedido foi comer uma galinha assada, pois não agüentava mais a dieta à base de espaguete, feijão e afroz enlatados e peixes apanhados com anzol. Mas as galinhas da baía também se alimentam de peixes e o alemão se frustrou com a primeira refeição em terra. O fato de o presidente Sarney estar passando as festas de fim de ano em São Luís coincidiu com os seus planos: Rudiger Nehberg trouxe da Alemanha uma carta pedindo proteção para os índios ianomâmis.

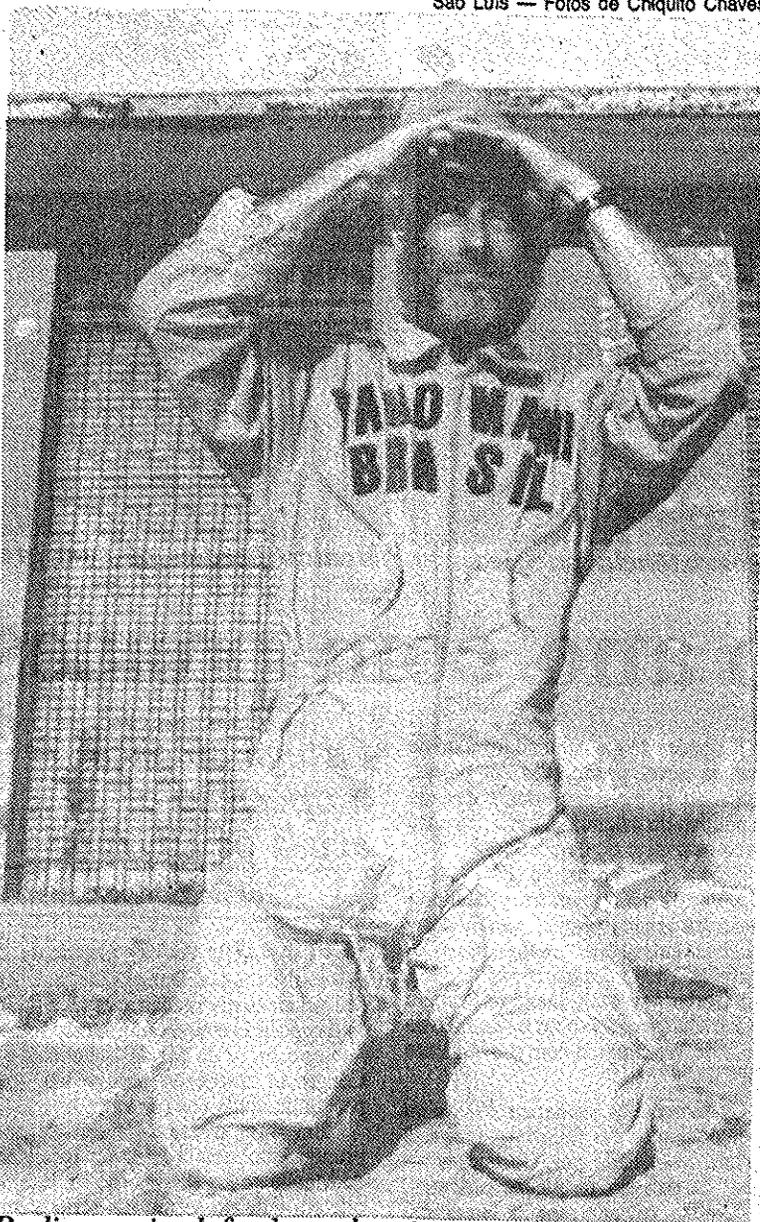
A carta vem da Organização da Sobrevivência Internacional e Rudiger aventurou-se nessa viagem com a missão de pedir ao presidente Sarney a criação de uma reserva para os primitivos índios com os quais esteve duas vezes no Brasil. "Sobreviver me gosta especial (sic) na selva ou no mar", foi uma das suas primeiras declarações quando recebeu a imprensa.

Tubarão — Com a mulher em Hamburgo e a filha de 21 anos em Londres, Rudiger, que cruzou o deserto num camelo e foi a Roma de bicicleta, investiu 20 mil dólares nessa viagem de catamarã para o Brasil. Ele partiu no dia 16 de outubro de Dacar, na África, num minúsculo barco. Trouxe um gatinho de pelúcia, um pássaro empalhado, um vasilhame de plástico cheio de jujubas, uma bússola, dois anzóis e uma gaita, além de enlatados. Contando com a hipótese de se perder, Rudiger trouxe também um equipamento para soltar foguetes de sinalização de socorro.

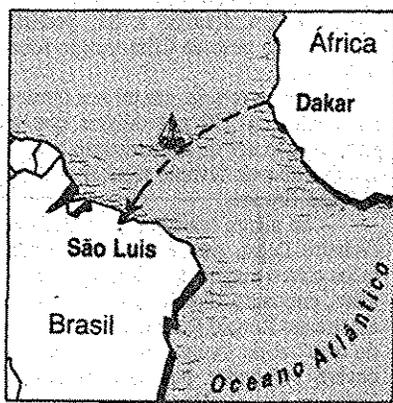
No pequeno barco de fiberglass e poliéster, pintado de vermelho e com a inscrição *Ianomami Brasil*, havia um rádio cuja antena quebrou-se durante uma tempestade, impedindo que Rudiger se comunicasse com a Alemanha, sendo dado como perdido, inclusive pela estação de rádio de Hamburgo, por meio da qual entrava no ar de cinco em cinco dias.

Três semanas antes de entontar socorro no Brasil, Rudiger sofreu o ataque de um tubarão. Conseguiu matá-lo e levou duas horas para tirá-lo d'água. Um dia antes de chegar à Baía de São José de Ribamar, o remo quebrou. O barco tem propulsão também a vela e a pedal.

Hoje, seu barco tem a bandeira do Brasil no mastro e na retaguarda a bandeira preta, vermelha e amarela da Alemanha Ocidental. Rudiger está hospedado na modesta casa de um funcionário da Capitania dos Portos, Manuel Marques Gomes, ao qual pediu para tomar um banho. Depois de 74 dias no mar e três em terra, Rudiger ainda não tinha se aventurado a enfrentar um chuveiro.



Rudiger veio defender sobrevivência dos ianomâmis



O minúsculo catamarã

Barco é seguro e veloz

A origem do catamarã está na Índia, em cuja costa navegam jangadas multicascos feitas a partir de troncos de árvores. A principal característica dos catamarãs é dispor de mais de um casco (dois ou três). Dessa forma, a superfície em contato com a água, reduzida, diminuindo-se a resistência ao avanço e possibilitando grandes velocidades (de até 60 km/hora).

Outra característica admirada

nos catamarãs, que são empregados principalmente em regatas, é a estabilidade nos pequenos ângulos de inclinação. No caso de grandes inclinações (de 75° a 85°), há risco de capotamento. Os dois (ou três) cascos são presos por vigas, sobre as quais se monta o convés para os navegadores. Para viagens de longo percurso, instala-se uma cabine. O nome vem de *kattumaram* (*kattu*, ligadura, e *maram*, pau).